

A CASA DO RIO

Carlos Donato

Índice

Prólogo	Página 3
A viagem	Página 7
A chegada	Página 15
Fazenda Estrela	Página 24
Café da manhã	Página 47
Fuga e morte	Página 54
Doença e regeneração	Página 66
A capela	Página 73
A casa grande	Página 80
Menino mau	Página 120
Dias de festa e de dor	Página 123
O sol sempre brilha	Página 147
O sumiço do negro	Página 157
Os fantasmas se divertem	Página 164

PRÓLOGO

CAPTURA

Após vários dias de caçada, aonde todos os homens aptos iam, somente ficando os velhos, crianças e as mulheres, finalmente estávamos de volta. Ao longe já podíamos avistar a fumaça, no entanto intui que algo estava diferente, pois havia mais fumaça que o normal daquela hora. Sem nenhum comando e largando a nossa presa, corremos em direção à aldeia. Na selva africana não existe nada pior que o fogo, especialmente no período das secas, ainda mais se atingia nossas casas.

Chegando perto, notei que algumas palhoças estavam pegando fogo, mas por incrível que pareça não havia o rebuliço e correria para apagar as chamas, algo tão normal de acontecer nestes casos. Somente ao nos aproximar é que notamos o verdadeiro motivo para tamanha apatia.

Os corpos dos anciões estavam espalhados por todo lado, alguns mortos a flechadas e outros com um buraco estranho no corpo. Todo o nosso conselho se encontrava caído, morto.

Aturdido comecei a gritar por minha esposa e filhos, seguido por todo o resto.

Recebendo como resposta o silêncio sepulcral e o grasnar do bando de abutres que se acumulavam em volta.

Tentando entender o acontecido, comecei a vasculhar o local até que o nosso melhor rastreador apontou para umas marcas estranhas no solo, rastros nunca vistos, misturados com marcas de pés andando em fila indiana.

Com um grito de guerra e ódio no coração, partimos seguindo a pista.

Assim que chegamos à orla da floresta, perto da praia, vimos nossa gente sentada e agrupada no chão, uns homens de cor diferente, com o corpo reluzente e segurando um bicho parecido com um leão, mas um pouco menor e sem a juba (mais tarde descobri ser um cão da raça fila), a vigiar o grupo.

Havia uma canoa enorme com seres humanos dentro do mar. Nunca havia visto nada igual. Saindo do nosso torpor, disparamos com gritos e urros em direção daquelas pessoas, brandindo nossas lanças e nossos escudos. Quando inesperadamente ouvimos um trovão e ao meu lado um dos nossos caiu com um buraco ensanguentado no peito. Depois de solto

pelo homem, o animal misterioso deu um urro e atacou dilacerando e matando outro guerreiro. Logo ouvimos outro trovão e mais um caiu com a cabeça arreventada.

Paramos atônitos! De longe pude ver que alguns carregavam uma vara comprida na mão. Como para demonstrar o poderio, um deles acionou a vara e dela saiu o mesmo trovão tendo mais um morto ao nosso lado. Ao mesmo tempo, com um assobio, o animal cessava seu ataque correndo para o lado do homem que o chamara.

Neste ínterim, um dialeto fez-se ouvir por cima da balbúrdia que tomou conta da areia. E dei-me conta de nossos inimigos mortais, a tribo da praia, estava metida nisso. A voz imperiosa nos mandava sentar e ficar quietos, pois os próximos a morrerem seriam nossas mulheres e filhos.

Sem escolha, nos sentamos e aguardamos enquanto éramos acorrentados e jogados no meio do nosso povo.

Da canoa maior saiu uma menor e logo aportou a praia onde fomos um por um colocados dentro e após diversas viagens a praia ficou deserta.

Tão logo desembarcamos na canoa maior, um homem, com vestimenta preta, nos espargia água e murmurava algo.